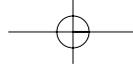


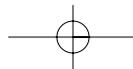
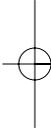
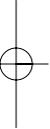
## O FILHO DO AR

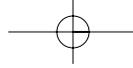
A mãe abre a sombrinha e diz: «Meu filho, avança.»  
Um cigano veloz e livre como a dança,  
agudo como o raio e como ele feroz,  
vê, porém, lá ao longe, a criança que foge,  
brincando distraída, sem que a sombrinha branca  
a abrigue.

«Socorro», grita a mãe. A criança  
perdeu-se, todavia, na névoa da distância.  
Podes ameaçar, suplicar, nada serve:  
o teu filho fugiu nos braços da quimera.  
Ela já tem a voz cansada de chamar:  
o filho cai no fundo dum tinteiro, a sonhar.  
E noutro sonho julga que entrou, ao acordar:  
está na casa onde vivem as crianças raptadas,  
como a Ursa Maior, de estrelas construída,  
sempre pronta a partir, sempre pronta a parar  
— uma casa espantosa, sobre rodas erguida.  
E a mãe não sossega, e a mãe já está rouca,  
a mãe soluça e volta sempre atrás, como louca,  
procurando o seu filho e sem o encontrar.  
Desesperada, em vão ela chama a polícia:  
o raio e os ladrões têm igual malícia;  
a polícia, aliás, não tem um grande faro  
e os meninos roubados sabem andar no ar.  
Logo pela manhã, ousam a temerosa  
travessia no arame, de *maillot* cor-de-rosa.  
Para terem sucesso, quanta calma e perícia!  
E a mãe está sentada, de luto, muito triste,  
sentada, muito triste, encostada à janela.  
É como se o menino não fosse filho dela:  
eles surgem de súbito, os meninos raptados,

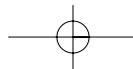
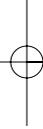


no campo dos ciganos, à volta da fogueira,  
ninguém sabe daonde, onde foram roubados.  
Têm direito a vinho, se se faz bom dinheiro.  
Ele toca o tambor, ele voa. A mãe morre.  
É vasto o mundo — e novo, nocturno, perturbante.  
Ó mães, desconfiai das janelas, das portas,  
dos feitiços daqueles que os filhos vos transportam  
nessas casas que vão por montes e barrancos,  
puxadas pela luz de dois cavalos brancos.





## Ana a Criada



## ANA A CRIADA

Ah! mademoiselle, ah! mademoiselle,  
Mademoiselle Annabel,  
Mademoiselle Annabel Lee,  
desde que a morte vos levou,  
estais cada dia mais bonita.  
Todas as noites, sem abrir  
a porta, vindes junto a mim.  
Mademoiselle, mademoiselle,  
Mademoiselle Annabel Lee.

Fostes tão boa, tão bonita,  
talvez demais, não me esqueci.  
Traziam flores, como a uma santa,  
e eu era a Ana, eu era a Ana,  
Ana, a criada do hotel.  
Tão delicada, tão gentil,  
talvez demais, não me esqueci,  
mademoiselle, mademoiselle,  
Mademoiselle Annabel Lee.

Que grande o vosso apartamento!  
Tudo ocorreu subitamente...  
Eu era aquela por quem chamam  
as campainhas dos senhores.  
Vós a tocastes uma noite,  
como qualquer outra pessoa...  
E, na verdade, não se pode  
dizer que seja razão forte  
para que... enfim... vos desse a morte.  
Nós, os criados, trabalhamos,  
escada acima, corredor,

enquanto vós, para dormir,  
tomáveis gotas: «Por favor,  
dez gotas, Ana, por favor...»  
Apenas dez! Despejo-as todas!  
Cometo um crime — horror! horror!

Que hei-de dizer? Era a criada  
— e vós tão boa, tão bonita...  
E tanta gente de visita,  
dinheiro gasto para nada,  
e a sobancelha depilada,  
as unhas... e o *sex appeal!*  
Ah! mademoiselle, mademoiselle,  
Mademoiselle Annabel,  
Mademoiselle Annabel Lee,  
desde que a morte vos levou,  
estais cada dia mais bonita.  
Mademoiselle... mademoiselle...  
Mademoiselle Annabel Lee.

Julgais talvez que já suspeitam  
de mim polícias e doutores?!...  
Eu sou a Ana, por quem chamam  
as campainhas... Quem imagina  
que esteja aqui a assassina?  
Os vossos príncipes, os condes,  
os duques que vos adoravam,  
já nada conta... Este segredo  
só entre nós há-de ficar!

Mas vós pensais que me habituo?  
Jamais! Que farei amanhã?  
Não somos nós, ah não, quem mata:  
é a culpada a nossa mão.